

Pan-americanismo e imperialismo: a sexta conferência pan-americana e o debate acerca da intervenção norte americana na Nicarágua*

Raphael Nunes Nicoletti Sebrian¹

Resumo: o objetivo deste artigo é compreender em que medida a intervenção norte-americana na Nicarágua, iniciada na década de 1920 e encerrada definitivamente em 1934, motivou debates acerca da política externa do continente americano, mais especificamente na Sexta Conferência Pan-americana (ou Interamericana), sediada em Havana, Cuba, em 1928. Pretende-se, para tanto, discutir as características da repercussão da conferência nos jornais brasileiros *Folha da Manhã*, *Folha da Noite*, *Correio da Manhã* e *O Estado de S. Paulo*, mais especificamente no período imediatamente vinculado à Sexta Conferência Pan-americana.

Palavras-chave: Pan-americanismo; imperialismo; Nicarágua.

Abstract: the objective of this article is to understand where measured the North American intervention in Nicaragua, initiate in the decade of 1920 and locked up definitively in 1934, motivated debates concerning the politics external of the American continent, more specifically in the Sixth Conference Pan-American (or Inter-American), hosted in Havana, Cuba, in 1928. It is intended, for in such a way, to argue the characteristics of the repercussion of the conference in Brazilian periodicals *Folha da Manhã*, *Folha da Noite*, *Correio da Manhã* and *O Estado de S. Paulo*, more specifically in the period immediately tied with the Sixth Conference Pan-American.

Key words: Pan-Americanism; imperialism; Nicaragua.

Ocorrida entre os anos de 1927 e 1934, a intervenção norte-americana na Nicarágua repercutiu, na época, de diversas maneiras, em vários âmbitos e em muitos países. Um dos momentos de auge da repercussão e do debate acerca das implicações de tal intervenção ocorreu em 1928, na Sexta Conferência Pan-americana (ou Interamericana), sediada em Havana, Cuba. No Brasil, tal fato não se deu de forma diferente, e alguns periódicos dedicaram espaço privilegiado para o noticiário referente ao evento e às

* Este estudo é fruto de reflexões desenvolvidas em minha dissertação de Mestrado, intitulada *A repercussão do movimento sandinista na imprensa brasileira: 1926-1934*, defendida em 2005 junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UNESP/Assis, sob orientação do Dr. José Luis Bendicho Beired.

¹ Doutorando em História Social – USP. Docente do Departamento de História – UNICENTRO, Guarapuava, PR. E-mail: rsebrian@yahoo.com.br.

discussões nele ocorridas, sobretudo por conta do desvelamento do embate entre as propostas pan-americanistas e a prática imperialista norte-americana em terras nicaragüenses. Com o intuito de demonstrar o acima referido, analisaremos as características da repercussão da conferência nos jornais brasileiros *Folha da Manhã*, *Folha da Noite*, *Correio da Manhã* e *O Estado de S. Paulo*, mais especificamente no período imediatamente vinculado à Sexta Conferência Pan-americana (1928), procurando compreender em que medida a intervenção norte-americana na Nicarágua motivou debates acerca da política externa do continente americano.

De acordo com Baggio (1998, p. 25-26), duas vertentes principais debateram nos jornais e revistas da época²: uma delas valorizava a tradição ibérica, afirmando a originalidade brasileira proveniente de suas origens portuguesas; outra recusava essa “herança”, contrapondo às tradições monárquicas portuguesas o modelo republicano e liberal-democrático dos Estados Unidos.

No seio dessa discussão estavam presentes, entre outras, as questões do pan-americanismo e do imperialismo. Conforme ressalta Moura (1991, p. 17), pode-se dizer que as relações políticas entre EUA e América Latina, na virada do século XIX para o XX, podem ser vistas em duas linhas complementares e, em certa medida, contraditórias. De um lado, havia um esforço em articular as nações do continente de forma diplomática, por meio de reuniões coletivas – as Conferências pan-americanas, ou interamericanas; esta era a tendência de atuação através do pan-americanismo. De outro lado, as relações dos EUA com seus vizinhos seguiam a lógica do interesse exclusivo, sendo costumeira a utilização de métodos de coação política e de uso da força; esta era a vertente propriamente imperialista da política externa norte-americana da época, ainda que a primeira tendência também contivesse, evidentemente, inúmeros elementos de coerção e dominação políticos, econômicos, culturais e até mesmo científicos.

A política do pan-americanismo, iniciada no final do século XIX com o intuito de incentivar a integração dos países americanos sob a hegemonia dos EUA, foi discutida

² A autora analisa o período compreendido entre o final do Império e as três primeiras décadas republicanas.

nas páginas dos periódicos e em diversas obras publicadas nesse período, que se dedicaram a uma reflexão acerca da América Latina, tendo como resultado, em sua maioria, uma “visão negativa sobre as nações hispânicas, contrastando com uma visão positiva sobre o Brasil” (Cf. CAPELATO, 2000, p. 292).³

Críticos ou defensores do pan-americanismo, estes de certa forma mais próximos dos EUA, não puderam deixar de se posicionar com relação à intervenção norte-americana na Nicarágua. Mesmo aqueles que viam nos EUA um modelo de progresso e civilização, como é o caso do grupo diretor de “OESP”, passaram a visualizar o “irmão do Norte” como uma ameaça à soberania nacional – princípio fundamental do liberalismo defendido pelos periódicos aqui elencados – e ao desenvolvimento dos países latino-americanos no seu conjunto (Cf. CAPELATO, 2000, p. 297). As ações contra o movimento sandinista provocaram reação por parte de vários setores da sociedade,⁴ e os órgãos da “grande imprensa” protestaram contra o fato. Esses “protestos” são objeto de análise deste trabalho.

Assim, conforme ressalta Capelato (2000, p. 298) pode-se notar que, apesar da significativa penetração, no Brasil, da política do pan-americanismo nas primeiras décadas republicanas, houve reação aos EUA, e a despeito das visões negativas sobre as nações hispânicas, houve manifestações de solidariedade aos países agredidos pelos norte-americanos. Intervenções como, por exemplo, a efetuada em terras nicaraguenses suscitaram propostas de unidade para a defesa das soberanias nacionais ameaçadas pelo domínio do Norte.⁵ O viés agressivo da política externa norte-americana provocou, por parte dos jornais brasileiros, reações mais contundentes do que as provocadas pelas insistentes negociações diplomáticas em torno do pan-americanismo.

³ Como exemplos destas obras, poderíamos citar *A ilusão americana* (1893), de Eduardo Prado, e *Pan-americanismo* (1907), de Oliveira Lima.

⁴ Como exemplo, vejamos uma nota publicada em “OESP”, no dia 29/01/1927, p. 02:

A MANIFESTAÇÃO DE PROTESTO REALISADA NA UNIVERSIDADE CARIOCA – Buenos Aires, 28 (A.) – A Federação Universitária, desta capital, recebeu um telegrama de sua similar no Rio de Janeiro, informando sobre a manifestação de protesto realizada na Universidade carioca, por motivo da intervenção dos Estados Unidos na Nicarágua. (A grafia foi mantida conforme o original).

⁵ Para maiores detalhes a respeito da produção da intelectualidade brasileira de fins do Império e das primeiras décadas republicanas, temas predominantes e questões principais, ver BAGGIO (1998), BEIRED (1999) CAPELATO (2000) e MICELI (2001).

Na década de 1920, o controle político e econômico por parte dos EUA no Caribe e América Central criou uma tranquilidade relativa nas relações interamericanas. Esta “tranquilidade” foi abalada justamente pela eclosão do movimento liberal em terras nicaraguenses, e o abalo foi aprofundado a partir do momento em que Sandino passou a liderar tropas independentes, negando qualquer tipo de acordo com os diplomatas norte-americanos.

No Brasil dos anos vinte, a crítica de oposição dos jornais aqui analisados ecoou em sua interpretação do conflito entre Nicarágua e Estados Unidos. Apesar das mudanças ocorridas na política interna e externa brasileira a partir de 1930, e ainda que alguns periódicos tenham redirecionado sua orientação política no pós-1930 – caso das *Folhas*, antes oposicionistas e depois governistas, inclusive por conta de seu empastelamento e da mudança de seus proprietários –, a crítica à intervenção norte-americana prevaleceu. A Nicarágua seria objeto de debate na conferência, e o mundo aguardava um posicionamento crítico de seus representantes perante as atitudes norte-americanas. Os jornais brasileiros questionavam-se a respeito de qual seria o rumo tomado pelo encontro em Cuba:

Parece que se geram duvidas e prevenções quanto à orientação que venha a ter a conferencia a installar-se por estes dias em Havana. Sobretudo nos Estados Unidos ha signaes evidentes de que por lá se tenham razões para suspeitar que o espírito de raça, ou algum preconceito de natureza política, venha a comprometter os resultados da presente reunião, dividindo o congresso em dois partidos.

Naturalmente desse perigo se originam as apprehensões que neste momento preocupam a quantos nutrem uma certa confiança nesse esforço, perfeitamente legitimo, dos povos americanos.

Não ha duvida que é para reear alguma coisa de umas tantas conjecturas que desde muito, ainda que vagamente, andam no espírito das nossas republicas latinas em relação aos Estados Unidos do Norte.

Deve logo notar-se, aliás, que não é propriamente no seio das populações que se hão de procurar manifestações desse sentimento; mas entre as classes cultas, e talvez principalmente entre os políticos.

Bastaria sentir o que se dá até em esferas onde se pretende representar a consciência das colectividades e dirigir a obra de acautelar os destinos de cada povo do hemispherio. Por ahi o contraste dos dois critérios, a contradicção das duas correntes chega a fazer-se às vezes radical e ostentosa. Uns estão decisivamente com a política de Washington, como a única que corresponde aos interesses geraes do continente. Outros, condemnando abertamente a política norte-americana, não trepidam em condemnar também quaesquer aproximações com o grande povo, desde que não sejam as de natureza puramente commercial, como se estas pudessem prescindir de entendimentos de outra ordem.

Mas é tão frágil a opinião destes ultimos, e tão absurda, que só não impressiona demais porque é, em quase todos os paizes de origem ibérica, de força muito limitada.

Não se comprehende, com efeito, que, sem ao menos preferir um critério de conciliação, haja na America espíritos que estivessem dispostos a inventar motivos de collisões, ou sequer de futeis desaccordos, entre nações americanas.

[...] Neste momento, portanto, em vespéras de reunir-se a grande amphictyonia continental em Havana, é de esperar que se pondere muito na direcção que se vae dar aos sentimentos com que cada povo ali se representa.

[...] Não é de crer que haja alguém de bom-senso capaz de contestar que o Estado *leader* da política americana é a grande e generosa Republica do Norte. É facto que egualmente não se discute.

O que a todos, pois, se nos aconselha, a nós outros neo-latinos, é que, primeiro que tudo, se evite, naquella assembléa, o apparecimento de qualquer veleidade que vá susceptibilizar aquelle povo – hoje a voz mais poderosa a falar na política internacional do mundo.

E isso sob pena de sacrificar-se a maior obra que bem se pode construir agora. O que temos todos de fazer na capital cubana é, principalmente, aproveitar o ensejo de instituir, por um pacto formal e perpetuo, a ALLIANÇA AMERICANA, em que entremos todos nós, sem sombras de reserva de uns a respeito de outros.

[...] Ahi está a larga funcção do congresso que se reúne. É tudo isso que o que delle se espera em toda a America.

[...] A não operar dentro dessas aspirações, perfeitamente legítimas, e fieis aos impulsos que enchem a nossa existencia histórica, a Conferencia de Havana correria o risco de ser, não apenas burlada, mas talvez até desastrosa para todos nós (“CMh”, “A sexta Conferencia”, 10/01/1928, p. 04).⁶

Nesse artigo, assinado por Rocha Pombo, o *Correio da Manhã* defende a união dos povos americanos, visando uma aliança que não suscetibilizasse os Estados Unidos, “[...] a voz mais poderosa a falar na política internacional do mundo”. A Sexta Conferência tinha todas as chances de ser um congresso que realmente gerasse algo de positivo para o continente, ao menos para aqueles que ainda tinham em mente o pan-americanismo, e que o viam como algo positivo para as nações americanas.

No bojo das manifestações de desaprovação aos Estados Unidos, a *Folha da Manhã* publicou um artigo extremamente contundente, no dia 06 de janeiro de 1928, alguns dias antes daquele publicado pelo *Correio da Manhã*, supracitado:

Os acontecimentos que actualmente se desenrolam no territorio da Nicaragua, bem mostram quanta hypocrisia existe na proclamada confraternização pan-americana sustentada pelos Estados Unidos. Mais uma vez se descortina aos olhos dos ingenuos que não querem ver na doutrina de Monroe o fundamento ideológico do imperialismo “yankee”, – quanta falsidade encerra o lemma: “a America para os americanos”...

A Nicaragua, como o Mexico anteriormente à sua revolução nacional de 1910, tem vivido nos ultimos tempos, constantemente assaltada em sua soberania, pelas armas da America do Norte. Agora, mesmo segundo comunicados das agencias telegraphicas, uma flotilha de aeroplanos norte-americanos está bombardeando os acampamentos dos liberaes revolucionarios chefiados pelo general Sandino. Outros despachos annunciam a remessa de novas forças navaes “yankees”, cujo objectivo não é outro sinão massacrar o povo altivo dessa pequena nação, que, corajosamente lucha pela propria independencia, defendendo assim, a soberania nacional conspurcada pelo ouro e pelas armas estrangeiras.

Esse factó é tanto mais interessante quanto se reúne também, agora, em Havana, a Conferencia Pan-Americana. Qual será a attitude dos Estados Unidos e das nações latino-americanas nessa conferencia, a respeito de tão momentosa e grave questão? Permittirão os povos de origem ibero-americana que a America do Norte continue a manter a sua politica avassaladora de violencias e pilhagens às outras nações americanas?

Não será opportuno a substituição da doutrina de Monroe por outra doutrina que garanta os povos fracos contra a absorpção imperialista das grandes potencias, sejam ellas da America, Europa ou Asia?

⁶ A grafia dos fragmentos foi conservada conforme o original. As referências aos jornais serão feitas por siglas, a saber: “CMh” (Correio da Manhã), “OESP” (O Estado de S. Paulo), “FM” (Folha da Manhã) e “FN” (Folha da Noite).

Os representantes do Sul e Centro America precisam na Conferencia de Cuba reflectir os interesses e aspirações das respectivas nações afim de não se transformarem em agentes inconscientes do imperialismo. Precisam fazer valer a soberania dos povos que lhes delegaram taes poderes. O que está se passando na Nicaragua é um attentado aos princípios elementares do Direito Internacional. Por outro lado, contraria flagrantemente o espírito da politica latino-americano.

A Conferencia de Havana necessita corresponder aos ideaes políticos do Novo Mundo (“FM”, “Imperialismo norte-americano”, 06/01/1928, p. 03).

Os protestos se acirraram no início de 1928,⁷ e os jornais brasileiros aproveitavam o ensejo da conferência para comentarem o quadro que se configurava com a reunião em Havana. O *Correio da Manhã*, talvez o periódico que tenha conferido maior destaque aos noticiários acerca da conferência, publicou, em 11 de janeiro de 1928, um editorial exemplar quanto ao tom de crítica naquele momento:

Telegrammas de Washington dizem que a administração dos Estados Unidos está mais tranquila, agora, a respeito de Havana, porque muitos governos latino-americanos declararam que não levarão “casos controvertidos” à mesa da Sexta Conferencia Pan-Americana.

Sem duvida, a Casa Branca é lógica, sentindo em taes declarações motivos para não receiar interpellações na capital cubana a respeito da Nicaragua. E é logica, porque a sua politica de guerra contra o pequeno paiz é apenas governamental – fruto do veio imperialista do partido republicano – encontrando repulsa na maioria sensata do povo dos Estados Unidos. Faltando-lhe, pois, este apoio, só lhe restava appellar para outros governos divorciados da opinião publica, e não vacillaremos em crer que o primeiro a dar tal segurança de mutismo deprimente ha de ter sido o do Brasil...

Entretanto, não cantem lóas o presidente Coolidge e o seu secretario de Estado, cuja velhice septuagenaria lhe é tão má conselheira. O juízo formado pelos povos que já pesam na balança politica do Hemispherio Occidental é de crescente repulsa a essas espoliações de que a Agúia Americana tem sido o unico exemplo no Mundo Novo, e não o desfará a aprovação prévia da politica de Washington por delegados comprometidos de uma conferencia de que nada se deve esperar a não ser o inocuo, o fluidico, o vasio desfecho de todos os conciliabulos theoricos.

No terreno das realidade (*sic*) praticas, o mundo latino-americano, que pensa e age sem pedir licença aos governantes que facilmente se conluíam, cada tiro de canhão dos fusileiros americanos contra o patriota Sandino ricocheta e vae demolir o prestigio do colosso do norte (“CMh”, “Topicos & Noticias”, 11/01/1928, p. 04, grifos [itálicos] nossos).

⁷ No dia 11 de janeiro de 1928, o *Correio da Manhã* publicou uma nota comentando a atitude do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que endereçou ao embaixador norte-americano na capital brasileira a seguinte mensagem, via telégrafo:

“Centro Academico da Faculdade de Medicina, unanimamente, roga v. ex., transmittir governo americano protesto universitarios medicina, contra hediondo attentado soberania povo Nicaragüense, reflectindo politica imperialista presidente Coolidge – José Decussati, 2º secretario” (“CMh”, 11/01/1928, p. 02).

Como se pode notar, a crítica aos Estados Unidos passa a ecoar no governo brasileiro, acusado pelo matutino carioca de ser o primeiro a dar segurança e apoio ao governo norte-americano naquele momento. Enquanto em outros artigos a esperança no pan-americanismo e, sobretudo, na união dos povos do continente transparecia, neste a crítica aos “governos divorciados da opinião pública” é incisiva, e a descrença na importância da conferência se evidencia, desde os primeiros momentos daquele encontro. As palavras finais mostram que o corpo editorial do jornal acreditava ser o conflito na Nicarágua o demolidor do prestígio dos Estados Unidos. Contudo, não se pode deixar de mencionar as palavras medidas do *Correio da Manhã*, ao dizer que o caráter imperialista da política externa norte-americana seria repudiado pela “grande maioria sensata do povo dos Estados Unidos”, e que apenas o Partido Republicano o estaria incentivando. Em que pese a ausência de menção, por parte do jornal, às eventuais fontes que teria consultado, pode-se dizer que seria necessário, no mínimo, matizar essas afirmações.⁸

A “pretensa” colaboração dos Estados Unidos para a paz na Nicarágua, aventada na conferência de Havana, se dava, paradoxalmente, através do envio de mais tropas para esse país, com o intuito de combater as tropas sandinistas:

A paz em Nicaragua

WASHINGTON, 3 (Especial) – Os Estados Unidos pretendem cooperar amplamente e efectivamente com policia nicaraguense, no restabelecimento da ordem, no paiz, ao que diz uma declaração do Departamento do Estado, hoje publicado como explicação das ordens do Departamento da Marinha, enviando mais 1.000 fuzileiros navaes para Nicaragua (“FM”, 04/01/1928, p. 07).

Com o início da conferência, os piores prognósticos se confirmaram: os Estados Unidos, com o apoio de diversas delegações diplomáticas, conseguiram minimizar as possíveis manifestações de repúdio aos desmandos cometidos na Nicarágua. Um dos países que não se submeteu às “negociações” com os norte-americanos foi a Argentina, que já ocupava patamar de destaque na crítica aos norte-americanos desde a re-

⁸ A “culpa” do conflito foi atribuída, através de uma nota publicada na *Folha da Manhã* em 05 de janeiro de 1928, ao congresso norte-americano, dizendo que aquela casa havia solicitado, por iniciativa dos representantes democratas, explicações aos secretários de Estado e da Marinha, Kellog e Wilburg, mas os contingentes de fuzileiros não deixavam de ser enviados para a Nicarágua.

ocupação do território nicaraguense pelos *marines*, e que se posicionou da seguinte maneira, às vésperas do início da reunião em Cuba:

Buenos Aires, 13 (A.A.) – “El Diario” comenta hoje, em termos elogiosos, a nota hontem publicada pelo Ministerio das Relações Exteriores, sobre a provavel attitude da delegação Argentina à VI Conferencia Pan-Americana, no caso de ali vir a ser discutida a questão da intervenção norte-americana em Nicaragua.

Diz “El Diario” que a nota oficial traduz fielmente e com efficaz acerto, os compromissos da historia internacional Argentina e a personalidade do actual governo.

A posição da Argentina – continua o jornal – é muito delicada, porque evidentemente a opinião publica da Nicaragua considera a intervenção norte-americana indispensavel à realização do programma de seu progresso futuro. Pelo menos, o quadro real da situação da Nicaragua é muito differente daquelle que no exterior se suppõe, segundo o que se podia inferir das declarações feitas pelo proprio presidente da delegação daquelle paiz da America Central à Conferencia de Havana.

Buenos Aires, 13 (A.A.) – Depois da publicação da nota de hontem, sobre a attitude da delegação Argentina em Havana, no caso Nicaragua-Estados Unidos, conseguimos obter de fontes officiosas que reputamos seguras, alguns detalhes que melhor esclarecem qual a verdadeira norma a ser seguida pela delegação Argentina no caso.

Segundo taes informações, a delegação Argentina votará contra qualquer proposta ou moção que venha a surgir naquella Assembléa, no sentido de trazer o assumpto à discussão do plenario. Essa attitude será assumida por julgar-se que a Assembléa não poderá tratar de assumptos estranhos à ordem do dia.

Caso, porém, a maioria da Conferencia resolva discutir o assumpto, então a delegação Argentina definirá seu ponto de vista, conforme com a orientação tradicional da politica externa do paiz, dentro dos conceitos estabelecidos na nota official hontem publicada (“CMh”, 14/01/1928, p. 01).

A participação do Brasil na conferência que, como vimos num dos artigos acima citados, despertava interesse dos periódicos brasileiros foi comentada pelo *Correio da Manhã* da seguinte forma:

A participação do Brasil na conferencia de Havana, se já preocupava muito a opinião publica, tornou-se com o episodio da Nicaragua motivo de serias apprehensões. Os nossos representantes naquella assembléa internacional tinham o pesado encargo de desfazer a obra diplomatica do antigo chancellor do bernardismo, que muito comprometteu a representação brasileira na última reunião da conferencia pan-americana, no Chile. Já era muita coisa... Mas, ante a perspectiva de qualquer attitude a ser tomada ali, relativamente à intervenção norte-americana em Nicaragua ainda mais se complica a situação desses nossos patrícios, encarregados de elevar o nome do paiz, no conceito das nações continentaes.

A quinta conferencia pan-americana constituiu uma tentativa fracassada em prol do problema sempre palpitante da paz continental, porque a intransigente attitude da chancellaria pachecal assim o quiz. Não fomos à Santiago do Chile colaborar na obra de limitação dos armamentos das republicas americanas. Mas, tão extemporanea foi a conducta da nossa delegação, que conseguimos nos impôr aos nossos irmãos do continente como um paiz

imperialista e temível, que admitiria toda e qualquer discussão no tapete das competições internacionais e do direito das gentes, desde que não trocassem no arcabouço inexpugnável de sua estrutura militar!

Foi essa a impressão que a América ali teve do Brasil. Nós brasileiros sabemos quanto ella tem de falsa, de contraria à índole do nosso povo! Mas o paiz estava desgraçadamente entregue a uma rédua de impatriotas e imbecis, guindados aos altos postos da administração pelos azares da politicagem, e que conseguiram imprimir à orientação da politica externa as proprias miserias de suas tristes individualidades. E a attitude do Brasil, desarmado mas roncando como se seus alicerces se firmassem em uma praça de guerra, acarretou em relação ao nosso paiz a desconfiança de todos os americanos, sem excepção. A Argentina, testemunha da diplomacia do senhor Afranio de Mello Franco, tratou logo de obter de seu Congresso creditos para reforçar o seu aparelhamento bellico, já possuidor de uma conhecida efficacia. Em relação ao poder militar argentino teve palavras de admiração o nosso addido naval na Argentina, commandante Armando Duval, quando publicou seu livro, em dois grossos volumes, sobre a “Argentina, Potencia Militar”.

A impressão que os erros de nossa claudicante diplomacia deixaram no scenario americano, foi gravada nas seguintes palavras de um jornal dos Estados Unidos: “*A loucura brasileira pelos ornamentos foi o rochedo sobre o qual as generosas esperanças de Santiago se desfizeram*”. Ora, o Brasil entre agora em Havana conduzido pelos braços de um homem notoriamente oscillante, qual o sr. Raul Fernandes, celebre nos annaes de politica interna pela dubiedade de suas attitudes e pelo pulso pouco firme. E o fez em momento solenníssimo para a paz do continente, quando a paz americana vae ser analysada a dois passos do theatro em que os Estados Unidos exhibem a arrogancia do seu imperialismo. A América, convidada mais uma vez a assentar os alicerces de sua paz, não pode fugir à influencia que sobre a deliberação de seus diplomatas, ali acreditados, terá fatalmente a luta sangrenta da Nicaragua, travada na mesma América Central, sobre a mesma latitude onde se reúnem, em posturas doutrinarias e displicente, os panegyristas da fraternidade continental.

Sempre encaramos a perspectiva dessa reunião de Havana com grandes apprehensões. Sabíamos do ambiente de desconfiança que a diplomacia do chanceller Pacheco tinha preparado para o Brasil. Depois da preliminar de Valparaiso e da conferencia de Santiago, que nos pintaram aos olhos da América como armamentistas rubros, precisavamos de muita argucia e intelligencia para lavar, na sexta conferencia pan-americana, reunida em Havana, a pecha que nos atirou a diplomacia bernardesca.

O incidente de Nicaragua veio difficultar a missão entregue nas mãos tremulas do sr. Raul Fernandes... A imprensa do continente, entre ellas a da Argentina, está pregando a necessidade de conferir ao embaixador Pueyerredon, delegado daquella Republica, poderes para uma intervenção amistosa no sentido de resalvar o direito de soberania, posto em cheque pelo militarismo norte-americano. Que fará o Brasil, em face desse novo problema, depois que já accusaram a sua loucura armamentista e lhe chamaram de obstaculo à paz continental? A esta interrogação, mais do que a qualquer outra, cabe o qualificativo de dolorosa... (“CMh”, “Topics & Noticias”, 14/01/1928, p. 04, itálicos no texto, grifos [negritos] nossos).

Este editorial do *Correio da Manhã* traz a discussão acerca da violação, por parte dos Estados Unidos, de um dos princípios liberais mais prezados à época: a soberania nacional. Pode-se dizer que a soberania das nações era um dos principais motivadores da publicação de notícias nas páginas dos jornais brasileiros aqui estudados, de

orientação liberal. E a preocupação com a soberania nacional passava, necessariamente, pelo debate das características, virtudes e limitações do corpo diplomático brasileiro, visivelmente frágil e duramente criticado naquela circunstância. Em outro trecho já mencionado anteriormente, a missão diplomática brasileira que rumaria para Havana demonstrava ser objeto de preocupação dos grupos políticos do Brasil, mas neste editorial percebe-se quão grave se julgava a situação de subserviência da chancelaria brasileira com relação aos desígnios do Departamento de Estado norte-americano.

No dia 16 de janeiro de 1928, imersa numa atmosfera de disputas e interpretações diversas e divergentes, teve início a Sexta Conferência Pan-americana. Os trabalhos foram inaugurados pelos presidentes Machado e Coolidge, de Cuba e dos EUA, respectivamente. A presença do chefe de estado norte-americano refletia a preocupação dos Estados Unidos em procurar minimizar os debates em torno da intervenção na Nicarágua, e da guerra travada entre *marines* e as tropas sandinistas. Na primeira página do *Correio da Manhã* do dia 17 de janeiro daquele mês foi estampada a manchete “Installou-se hontem na capital de Cuba a Sexta Conferencia Pan-Americana”, e logo abaixo estava um extenso noticiário telegráfico a respeito do início das atividades, com a transcrição praticamente integral do discurso do presidente Coolidge na sessão de abertura, no qual ele evitou mencionar a Nicarágua. Contudo, no mesmo dia 17, na página 4 do periódico da família Bittencourt, foi publicada uma nota proveniente de Manágua, capital nicaragüense:

Managua, 16 (Associated Press) – Quatro a cinco aeroplanos dos Estados Unidos estão voando todas as manhãs na direção de Ocotal e Quilali, com instruções para bombardear os lugares suspeitos de esconderijo dos partidarios do general Sandino, afim de os desmoralizar. Também cinco navios de guerra americanos acabam de chegar a Corinto, com seiscentos fuzileiros navaes, aeroplano, munições e abastecimentos (“CMh”, 17/01/1928, p. 04).

A Conferência de Havana foi de tal forma tomada pelos debates a respeito do imperialismo norte-americano, sobretudo na Nicarágua, que a *Folha da Manhã* de 18 de janeiro de 1928 deu o título de “A conferencia de Nicaragua” para o segmento que reunia as notas das agências acerca do encontro. Nas notas agrupadas sob este título, comentava-se que nos círculos da conferência julgava-se quase impossível conseguir os dois terços de votos necessários para trazer à pauta a questão da Nicarágua. Uma das

notas, há que se ressaltar, mencionava inclusive que México, Argentina e Uruguai votariam contra o exame da problemática nicaragüense, algo bastante improvável uma vez que esses países eram alguns dos críticos mais ferrenhos da atitude norte-americana.

Foram cogitadas algumas alternativas para a solução das controvérsias entre países do continente americano como, por exemplo, o arbitramento, propostas que naturalmente foram rejeitadas pelos norte-americanos. Concomitantemente ao destaque conferido aos noticiários acerca da conferência, os jornais brasileiros não deixavam de publicar notas referentes ao desenrolar dos acontecimentos na Nicarágua, notas muitas vezes vindas de agências norte-americanas, mas que serviam de contraponto ao encaminhamento das discussões em Havana, rumo ao apaziguamento e calmaria diplomática:

HAVANA, 22 (U.P.) – No seu discurso, por ocasião do banquete oferecido hontem à noite pela Camara de Comercio Cubana Americana à delegação dos Estados Unidos, o sr. Hughes disse: *O pan-americanismo assenta em fortes pilares, dos quaes o primeiro é representado por uma independencia firme. A politica dos Estados Unidos é respeitar a integridade territorial das Republicas americanas, pois não desejamos uma politica de aggressão. Desejamos igualmente o bem de todas, querendo para as grandes extensões, população e riqueza, e para as mais pequenas força e não fraqueza”. Seria uma idéa absurda suppor que os Estados Unidos desejem que qualquer dessas nações seja fraca ou victima da sua propria desordem, pois nada teriam a lucrar com isso, visto não pretendermos o seu territorio e termos já bastantes preocupações dentro de casa para irmos procurar novas responsabilidades fora. Os direitos que reservamos para nós, concedemmos aos outros.*

Outro pilar do pan-americanismo reside na estabilidade da independencia. Tão grande é o nosso desejo de estimular a estabilidade, no interesse de independencia, que estamos neste momento na Nicaragua, mas o que alli fazemos e os encargos que nos impuzemos, responde ao pedido de dois partidos, a favor da paz e da ordem, e têm por fim assegurar uma eleição equitativa. Não queremos ficar naquelle paiz e o nosso desejo é que a Nicaragua seja forte, prospera e independente.

O novo pilar é constituído pela “boa vontade”, o que não significa identidade de opiniões, nem pode ser prejudicado pelas sinceras e sempre amistosas divergencias, pois muitas vezes tem de haver pontos de vista diferentes. Inimigos da boa vontade existem em toda a parte, procurando encontrar em todos os actos uma má intenção. São elles quem envenenam o ar com suspeitas e quem nunca está contente.

A cooperação entre os Estados Pan-americanos não significa a organização de um super-Estado, nem quer dizer que qualquer das vinte e uma Republicas ou quaesquer procurem dominar as outras”.

O sr. Hughes terminou o seu importante discurso, recommendando às nações americanas que não se preocupem com futeis anciedades sobre o futuro, antes contribuam com a sua parte para o bem commum.

“E, concluiu, se isso fôr feito com sinceridade e encarecendo o proposito de servir a causa da civilização, as gerações futuras gosarão a herança dos nossos labores” (“FM”, 23/01/1928, p. 02, grifos [itálicos] nossos).

A intervenção norte-americana na Nicarágua provocava, cada vez mais, um mal-estar nos círculos pensantes ao redor do mundo, e no Brasil isso não poderia se expressar de maneira mais evidente do que nos jornais, sobretudo aqueles de tendência liberal. Esse “mal-estar” pode ser visualizado em alguns rompantes de defesa dos Estados Unidos:

Na America do Sul prepondera ainda uma inexacta apreciação com relação aos Estados Unidos e às suas atitudes. Os americanos não tem intervindo nunca na vida, por exemplo, da Argentina, do Uruguay, do Chile e outros paizes sul-americanos, que se governam regularmente, que cumprem os seus compromissos, que marcham em ordem. Intervieram na vida de pequenas republiquetas que tomam emprestado dinheiro nos Bancos de Nova York e depois não cumprem os seus compromissos, vivem em chãos permanente, em desordem chronica.

Entretanto, exercendo essas intervenções, cumpre lembrar o exemplo de Cuba. Era esta ilha, sob o dominio hespanhol, até 1898, um foco de revoluções, uma terra de infecções, epidemias, desordens, um antro de analphabetismo, atrazo, chãos, recriminações de toda especie, uma gehenna, um Inferno de Dante. Pois bem, os americanos intervieram em Cuba, a arrancaram do dominio hespanhol, em nome da civilização, e hoje Cuba é um dos paraísos do mundo. Os americanos transformaram Cuba num paiz civilizado, cheio de escolas, estradas, hygiene. Educaram a população, tornaram limpas e bellas as cidades que eram focos de epidemias, espalharam a saúde, a hygiene, a instrucção, a civilização, a cultura, o trabalho. E depois de fazerem tudo isso, os americanos entregaram Cuba aos cubanos, que hoje desfructam uma vida como nunca tiveram, nem teriam si não fosse a influencia americana.

Demais, os americanos adquiriram o poder que têm graças ao trabalho, ao esforço, ao estudo, à applicação, à energia, à actividade. Os Estados Unidos são no mundo o paiz que mais gasta com a instrucção do povo. Tanto basta para affirmar que o povo americano é o mais idealista do mundo.

Na America do Norte não ha um só menor que não receba instrucção e educação adequada.

Entre os pretos na America do Norte ha apenas 22,9 por cento que são analphabetos, ao passo que entre os brancos da America do Sul há seguramente 70 por cento de illetrados.

Sob a influencia americana, Cuba, em 1923, exportou 85.027.250 libras esterlinas, ao passo que o Brasil, com uma população dez vezes maior, exportou no mesmo anno apenas..... 73.183.948 de libras esterlinas.

Exproba-se aos Estados Unidos o ter feito a Republica do Panamá. A accusação é procedente. Mas si não fosse isso, o mundo civilizado não teria o canal do Panamá e seria mister aos navios de todos os paizes fazer a volta inteira da America do Sul, passar pelo estreito de Magalhães para irem ter ao Pacífico.

Os paizes que se mantêm atrasados, incultos, ignorantes, rotineiros, tornam-se trambolhos e obstaculos à civilização.

Si todos os paizes da Ameracia (sic) Latina tivessem o mesmo adeantamento e cultura do povo que têm os Etasdos (sic) Unidos, é claro que estes não teriam o topete de intervir em nenhum delles.

Portanto, os povos latino-americanos não têm sinão imitar os japonezes. Quando estes viram as esquadras occidentaes arrombando-lhes à força os portos, os sagazes nipponicos trataram de educar-se, instruir-se e pôr-se ao mesmo nível mental dos europeus e norte-americanos. Eis porque os

japonezes não temem mais os europeus e americanos, é porque adquiriram o valor e preparo destes.

Neste mundo os povos que não querem ficar à disposição dos caprichos dos mais fortes precisam apenas aprender os métodos e processos pelos quais se adquire a força, e estes consistem em dar uma completa educação física e mental à população em todas as suas classes.

Os latino-americanos que fizeram como a Argentina, que educaram a sua população, evidentemente não têm que temer os americanos.

Os latino-americanos que continuarem a viver no analfabetismo, no literatismo, na vaniloquência, tomando dinheiro emprestado para malbaratarlo em roubalheiras políticas, em negociatas administrativas, esses estão sempre arriscados a atentados contra a sua soberania.

Os Estados Unidos representam no caso a sanção natural para os erros, as imprevidências, a falta de preparo e educação do povo, a anarquia política e administrativa.

A fraqueza dos povos resulta dos seus próprios erros, como no caso dos países latino-americanos. A força resulta do trabalho, do estudo, da aplicação, da tenacidade.

Nós brasileiros devemos, contemplando o caso da Nicarágua, pôr as nossas barbas de molho. Temos oitenta por cento de analfabetos, temos uma política delapidadora de dinheiro de empréstimos, que emprega em roubalheiras administrativas. Continuemos nesses erros todos e a sanção natural será uma intervenção americana higienizadora, civilizadora, limpadora, desinfetadora, como se deu em Cuba, acabando com os focos de pestilência microbica e política. Tenhamos juízo antes que os americanos venham nos obrigar a ter juízo (“FM”, “Em defesa dos Estados Unidos”, 27/01/1928, p. 01, grifos [itálicos] nossos).

Este artigo, assinado por Mario Pinto Serva, apresenta-se como um contraponto à defesa da soberania nacional nicaragüense que se fazia presente nas páginas dos jornais brasileiros. Fortemente marcado por uma idéia derivada do “Destino Manifesto” e do pan-americanismo, os norte-americanos são apresentados como força providencial no continente, portadores de inúmeras virtudes, e responsáveis pela “criação” e “manutenção” da civilização entre os povos latino-americanos, dentre os quais os brasileiros. Esses, inclusive, são admoestados pelo autor do artigo a “civilizarem-se”, antes que os norte-americanos o fizessem.

A conferência, em fins de janeiro, em virtude dos “esforços” diplomáticos norte-americanos, converteu-se num ambiente mais calmo, e pretendia afastar definitivamente a discussão da questão nicaragüense das esferas diplomáticas reunidas em Cuba, e também das páginas dos jornais ao redor do mundo, o que, como vimos no artigo acima, se estava conseguindo realizar. A *Folha da Manhã* foi, nesse momento, um periódico que consideramos interessante destacar, por sua ênfase na publicação de notas e artigos que pareciam pretender trazer de volta um tom “parcimonioso” às discussões

diplomáticas do continente americano, sobretudo àquelas que envolviam os Estados Unidos, e muitos jornais “encamparam”, mesmo circunstancialmente, esse discurso.

A defesa da soberania nacional era um “debate inconveniente”? Parece que para os periódicos brasileiros aqui estudados, defensores da inviolabilidade das nações, essa questão não se configurava de maneira tão “simples”. Apesar dos artigos e notas publicados em jornais como a *Folha da Manhã* e a *Folha da Noite* por vezes contradizerem os editoriais desses mesmos periódicos ou do *Correio da Manhã* e de *O Estado de S. Paulo*, a tendência de crítica à intervenção norte-americana se acentuou com o advento da Sexta Conferência. Contudo, mesmo com a crítica não deixaram de aparecer notas, escolhidas propositadamente ou não pelos jornais, que “justificavam” a intervenção norte-americana na Nicarágua.

A despeito do esforço para a retirada da pauta de discussões da questão da Nicarágua, periódicos como o *Correio da Manhã* não desviaram sua atenção da conferência e dos acontecimentos naquele país da América Central. O enfrentamento e a contradição entre as propostas pan-americanistas e a prática imperialista não passava despercebida.

A contradição entre o discurso diplomático norte-americano e as práticas bélicas daquele país foi objeto de destaque nas páginas dos jornais brasileiros, que se dedicaram, a cada circunstância, à elaboração de críticas, em geral dirigidas ao presidente e ao secretário de Estado norte-americanos. Exemplos destas críticas podem ser visualizados, principalmente, nas páginas do *Correio da Manhã* e de *O Estado de S. Paulo*, em fins do mês de janeiro de 1928, mas também eram encontrados nas *Folhas*.⁹

Ainda que tenha havido momentos de extrema instabilidade na reunião em Havana, demonstrando que os Estados Unidos não saíam da assembléia incólumes, com o término da conferência, permanecia nos defensores da soberania das nações uma espécie de sentimento de frustração, pois nenhuma medida efetiva pôde ser tomada

⁹ No dia 31 de janeiro de 1928, o *Correio da Manhã* publicou uma série de notas, provenientes da *United Press*, que discutiam a possibilidade de instauração de investigação, por parte do senado norte-americano, com o objetivo de averiguar a intervenção na Nicarágua, ainda que a contragosto do governo dos EUA. A investigação não ocorreu. Junto às notas, “CMh” publicou algumas informações acerca da Nicarágua, as quais intitulou “Aspectos e coisas pittorescas da Nicaragua”, versando a respeito de características do povo e do território do país da América Central.

contra os Estados Unidos, em prol da desocupação da Nicarágua. Os críticos perdiam seu espaço temporário de veiculação de idéias, criado pela Conferência, e os jornais gradativamente diminuíram o volume de publicações que diziam respeito aos embates que, diga-se de passagem, continuavam cada vez mais intensos em território nicaragüense.

Apesar do fim da conferência, os jornais brasileiros não deixaram de lado seu posicionamento de atentar para as ações, quer fossem políticas, econômicas ou sociais, encabeçadas pelos norte-americanos. Exemplos significativos podem ser encontrados num artigo publicado na *Folha da Noite*, de 28 de julho de 1928, que versava acerca do pretense caráter imperialista da concessão dada a Henry Ford, para exploração de áreas da Amazônia, no estado do Pará (“FM”, “Chegou a vez da Amazonia, através da concessão Henry Ford”, 28/07/1928, p. 01), mas principalmente num editorial publicado no *Correio da Manhã*, de 09 de junho de 1928:

Um telegramma da United Press conta que os fuzileiros navaes norte-americanos, empenhados na guerra de intervenção dos Estados Unidos nos negocios internos da Nicaragua, estão aprestando aviões com o fim de fazelos voar sobre a zona do mallogrado paiz centro-americano, onde operaram os sandinistas.

Mas ninguém pense que esses aviões levem toneladas de trotil para despejar sobre os patriotas insurgidos contra a traição do governo Diaz e contra a intromissão estranha da Aguiá Americana. Não. O que elles farão cair sobre os liberaes em armas serão proclamações, offerecendo-lhes amnistia, se se renderem com armas e equipamentos.

Certo, o que na realidade os *marines* do sr. Coolidge vão offerecer aos revoltosos será a traição em troca do esquecimento, e sem duvida os homens visados não abandonarão as suas ideas em bem da conquista fácil dos dominadores. Mas ao menos fica evidenciado que os norte-americanos não desdenham de assegurar ao inimigo de optima pontaria e com o fuzil ainda na mão o beneficio da esponja sobre o quadro negro do passado.

Como se vê, até os imperialistas consideram a amnistia uma medida pacificadora e sempre opportuna. Só não a consideram como tal os turrões do Brasil que, julgando-se predestinados e imaginando que a medida exigida pela nação para os heroicos revoltados contra o bernardismo só a estes beneficia, estão firmes na negativa, esquecidos de que cada novo gesto de ódio contribuiu para alargar mais o abysmo sobre que despenhará a lamentável olygarchia, que está infelicitando o paiz (“CMh”, “Topicos & Noticias”, 09/06/1928, p. 04).

Para além da crítica aos EUA, pode-se visualizar, no trecho acima, um recurso costumeiramente adotado pelo *Correio da Manhã*, mas também presente nos demais periódicos analisados: a utilização de temas internacionais como motivo para o comentário e crítica de problemas internos. A partir dos acontecimentos na Nicarágua,

foram reivindicadas soluções para os dilemas nacionais que, como se sabe, não eram poucos em fins da década de 1920.¹⁰

Nos Estados Unidos, os problemas internos também se multiplicavam, e a eleição de Herbert Hoover, em fins do ano de 1928, ocorreu em torno de uma atmosfera de expectativa e de possibilidade de mudança e melhora, como bem ressaltou o *Correio da Manhã* em um longo artigo publicado no dia 04 de novembro de 1928.¹¹ Hoover, assim que foi eleito presidente, confirmou uma longa viagem de visita aos países latino-americanos, com o pretense intuito de “desenvolver a cordialidade”.¹² Os motivos da viagem foram exaustivamente debatidos nas páginas de todos os jornais analisados, e os argumentos apresentados pelos EUA não convenciam o “Juca Pato”, célebre personagem das páginas da *Folha da Manhã* e da *Folha da Noite* que, no dia 10 de novembro de 1928, comentava de maneira bem-humorada, mas não menos crítica, a viagem do presidente norte-americano eleito.

As críticas ao imperialismo norte-americano, como se pode perceber, não desapareceram com o fim da conferência em Havana; antes se mantiveram nos periódicos brasileiros, mesmo sem a concentração constatada à época da reunião na capital cubana. Ainda que timidamente – lembremos que os Estados Unidos só retiraram por completo as tropas da Nicarágua em 1933 – pode-se visualizar uma modificação na política externa norte-americana no início do ano de 1929, mudança que irá se radicalizar, segundo Schilling (1984, p. 35), com o advento da crise de 1929, e o agente dessa alteração será, a partir de 1932, o presidente eleito Franklin Delano Roosevelt.

No que se refere às características da produção dos jornais brasileiros acerca do conflito na Nicarágua, a partir desse momento passa-se a focar, com maior ênfase – tal

¹⁰ Este recurso foi utilizado pelo *Correio da Manhã* num editorial publicado no dia 24 de novembro de 1928, no qual o matutino carioca se valeu da viagem de Herbert Hoover e dos jornalistas que o acompanhavam, para criticar as leis de censura à imprensa que vigiam no Brasil, segundo o jornal utilizadas “[...] para acobertar as ligeirezas dos arruinadores desta terra [...]” (“CMh”, “Temas & Notícias”, 24/11/1928, p.04).

¹¹ “CMh”, “As próximas eleições presidenciais norte-americanas”, 04/11/1928, p. 01.

¹² “CMh”, “A viagem do futuro presidente dos Estados Unidos vista pela imprensa norte-americana”, 22/11/1928, p. 01.

movimento tenderia a crescer até 1934 – a figura de Sandino e as notícias sobre as batalhas entre suas tropas e os *marines*, em detrimento do debate com relação às contradições entre a prática imperialista norte-americana e sua decadente, porém ainda viva, defesa do pan-americanismo.¹³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGGIO, Kátia G. A “*Outra*” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas. São Paulo: Tese de Doutorado – FFLCH-USP, 1998.

BARAHONA PORTOCARRERO, Amaru. Breve estudio sobre la historia contemporánea de Nicaragua. In: GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo (org.). *América Latina: Historia de Medio Siglo*. Vol. 2 (Mexico, Am. Central, Caribe). México: Siglo XXI, 1984, p. 377-403.

BEIRED, José Luis Bendicho. Revolução e Cultura Política na América Latina. In: DAYRELL, Eliane G. & IOKOI, Zilda M. G. (orgs.). *América Latina contemporânea: desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1996, p. 437-444.

_____. *Sob o signo da nova ordem* – Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945). São Paulo: Edições Loyola/História Social/USP, 1999.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O controle da opinião e os limites da liberdade: Imprensa Paulista (1920-1945). *REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA*. v. 12, n. 23/24. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, setembro de 1991/agosto de 1992, p. 55-75.

_____. O ‘gigante brasileiro’ na América Latina: ser ou não ser latino-americano. In: MOTA, Carlos G. (org.). *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000, p. 285-316.

DOSPITAL, Michelle. A herança mexicana na luta sandinista dos anos 20 na Nicarágua. Tradução de Raphael N. N. Sebrían. *Revista da ANPHLAC*. no. 4. 2005. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/anphlac>>. Acesso em: 02 out. 2005.

¹³ Contradição problematizada, por exemplo, num editorial do *Correio da Manhã*, do dia 18 de janeiro de 1929, intitulado “O mytho da paz!”, que discutia a aprovação do pacto Kellogg, destinado a defender o desarmamento das nações e combater conflitos armados entre países. Contudo, como bem ressalta “CMh”, enquanto os Estados Unidos o defendiam e aprovavam, seus fuzileiros, em nome “[...] da paz, do direito das gentes, da autonomia dos povos, do mutuo respeito entre nações e da cordialidade panamericana, invadiam a Nicaragua”. Ressaltava ainda o periódico do Rio de Janeiro que, no momento imediatamente após a aprovação do referido pacto, os EUA acresceram quinze cruzadores à já poderosíssima frota americana, como dizia “CMh”, “[...] para contrabalancear a fantasia da paz, com que ridícula e hypocritamente o sr. Kellogg pensou enganar os que estão de olhos bem abertos...” (“CMh”, “Topicos & Noticias” [O mytho da paz!], 19/01/1929, p. 04).

- _____. La construcción del Estado Nacional en Nicaragua: el proyecto sandinista (1933-1934). *REVISTA DE HISTORIA*, no. 2. Managua: IHNCA/UCA, 1992-1993, p. 52-61.
- _____. La herencia mexicana en la lucha sandinista de los años 20 en Nicaragua. *SECUENCIA, Revista de historia y ciencias sociales*, nº 30. México, D.F.: 1994, p. 117-129.
- GIL, Federico G. *Latinoamerica y Estados Unidos. Dominio, cooperación y conflicto*. Madrid: Editorial Tecnos, 1975.
- GOBAT, Michel. Nicaragua perdió la partida, la ganó la oligarquía. La élite nicaragüense y la intervención financiera de los Estados Unidos en Nicaragua, 1912-1926. *REVISTA DE HISTORIA*, no. 5-6. Managua: IHNCA/UCA, 1995, p. 58-71.
- LOZANO, Lucrecia. *De Sandino al triunfo de la revolución*. México: Siglo XXI, 1985.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- MOURA, Gerson. *Estados Unidos e América Latina*. São Paulo: Contexto, 1991.
- ORTEGA SAAVEDRA, Humberto. *50 años de lucha sandinista*. Nicaragua: F.S.L.N., 1978.
- SANDINO, Augusto César. *Pensamiento Político*. Selección, prólogo, bibliografía y cronología: Sergio Ramírez. Biblioteca Ayacucho (Vol. 134). Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1988.
- SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. *A repercussão do movimento sandinista na imprensa brasileira: 1926-1934*. Assis, SP: Dissertação de Mestrado – UNESP/Assis, 2005.
- _____. Em busca da “Luz e da Verdade”: considerações acerca da formação do ideário político de Augusto “César” Sandino. *Revista GUAIRACÁ*, no. 21. Guarapuava, PR: UNICENTRO, 2005, p. 43-54.
- SELSER, Gregório. *Sandino, General de Homens Livres*. São Paulo: Global Editora, 1979.